

RECENSÕES CRÍTICAS REVIEWS

**Sophie Shorland, *The Lost Queen: The Surprising Life of Catherine of Braganza, Britain's Forgotten Monarch.*
London: Atlantic Books, 2024. 332 pp.**

Maria da Conceição Emiliano Castel-Branco
(NOVA FCSH/CETAPS)

Em 2019, num artigo sobre a Rainha D. Catarina de Bragança, a historiadora Eilish Gregory comentava: “No modern biography has been written to place more attention on Catherine and assess her role as queen consort in Restoration England, yet it was noted by a contemporary that ‘in the end she was pretty successful’ as queen.” (Schutte and Paraque, 129) Nesta afirmação sobressaem dois aspectos fundamentais: por um lado, a inexistência, até esse momento, de uma biografia contemporânea em língua inglesa que explorasse mais profundamente a figura de D. Catarina e avaliasse o seu papel enquanto rainha na Inglaterra da Restauração; por outro lado, o reconhecimento da sua eficácia como rainha consorte que, apesar tantas vezes negada e indevidamente documentada, tem sido reconhecida em fontes que afirmam que, afinal, D. Catarina foi considerada “relativamente bem-sucedida” no desempenho do seu papel de consorte.

Nesse mesmo ano, num breve apontamento biográfico com uma rica reprodução de iconografia da Rainha D. Catarina de Bragança e de outras figuras femininas da corte, esta autora apontou os lugares-comuns que se têm repetido sobre a consorte da Restauração até há algumas décadas:

When we remember late seventeenth-century British history, queen consort Catherine of Braganza (1638-1705) is often relegated to the sidelines. (...) Catherine is frequently overlooked when we remember the Restoration. (...) Overall, Catherine of Braganza has been overlooked as a royal figure in seventeenth-century Britain. She entered her new homeland with different fashions and struggled at first to assert her impact in the royal court. However, Catherine proved herself resilient and was able to affirm her independence, away from the whims of her husband's mistresses. (...) This is how Catherine is normally remembered: the foreign queen consort who failed to secure a legitimate heir to carry on her husband's dynasty. (Gregory, 2019)

Estas afirmações sugerem o que Lee observou em *Biography: A Very Short Introduction* sobre a elaboração de biografias: "Biographers can spend a great deal of time sorting out the myths or false trails their subjects have created about their own lives. (...) Biographers have to treat all testimony with scepticism and care. Untruths gather weight by being repeated and can congeal into the received version of a life, repeated in biography after biography until or unless unpicked." (Lee, 7)

Estas considerações surgem a propósito da publicação recente de uma biografia em língua inglesa sobre D. Catarina de Bragança, num período em que as narrativas sobre rainhas estão a proliferar e a ganhar cada vez mais destaque entre os leitores. A obra em análise enquadra-se numa convergência de várias áreas de estudo que têm florescido ao longo do século XXI. Com efeito, nos últimos anos, os estudos sobre a monarquia e, particularmente, sobre a história de Inglaterra da Restauração (1660-1685), têm registado um notável impulso, com novas abordagens metodológicas e teóricas. Tradicionalmente, a historiografia sobre este período concentrava-se predominantemente na figura masculina do soberano e nas dinâmicas de poder associadas ao rei, frequentemente retratando a corte como um espaço de frivolidade, hedonismo e libertinismo.¹ No entanto, com o aumento

1. Relativamente à análise das dinâmicas de poder centradas no rei, importa mencionar que sobre este período também foram publicadas diversas obras sobre determinadas figuras femininas, como as amantes do soberano e respectivos círculos de influência, negligenciando a figura da rainha consorte. Falar do período da Restauração foi, durante muito tempo e para alguns autores, falar do monarca

dos estudos sobre o papel da mulher, as investigações recentes têm ampliado este campo de análise, explorando, além dos monarcas reinantes, a influência de consortes, rainhas viúvas, regentes e outras figuras femininas na corte, cujas contribuições, embora muitas vezes desvalorizadas, tiveram um impacto significativo tanto na política como na cultura da época.

Esta tendência reflete-se no crescimento dos *queenship studies*,² uma área que procura reavaliar e reconceptualizar o poder e o papel das rainhas, tanto na esfera pública quanto privada. A análise do papel das mulheres na corte (das respectivas casas, funcionários, câmara e aposentos, comitiva) e das suas redes de influência tem sido central para esta reavaliação, permitindo ver as rainhas como figuras activas nos processos políticos e culturais, capazes de actuar como mediadoras diplomáticas e sociais. Muitas rainhas, embora muitas vezes de forma discreta, conseguiram moldar o contexto em que viviam através de redes de mecenato e ações simbólicas. O conceito de “poder performativo” tem vindo a ser aplicado como uma forma de entender a sua capacidade de exercer influência de maneira não convencional, desafiando as noções tradicionais de poder. (Mowry 2001; Mendelson & Crawford, 2011)

D. Catarina de Bragança, consorte de Carlos II de Inglaterra, ilustra perfeitamente esta reavaliação histórica, sendo uma figura que, durante muito tempo, foi negligenciada na historiografia inglesa.

e das suas variadas companhias femininas. Como refere Shorland, autora da biographia em apreço, “It is often forgotten that, while her husband had plenty of lovers, Catherine was still the queen. Throughout history, she has been compared unfavourably with her husband’s mistresses, the real women who ran the show. In the last century, there have been at least four books written about the mistresses, with two in the last decade”. (*The Lost Queen*, 4) Tal como a biógrafa demonstrará, e eu própria tive oportunidade de abordar em estudos vários, dos quais saliento apenas a dissertação de doutoramento *A Melhor Jóia da Coroa: Representações de D. Catarina de Bragança na Literatura Inglesa* (2005), a vida e a actuação da Rainha D. Catarina de Bragança como consorte da Restauração não devem nem podem ser subestimadas.

2. Veja-se, a título de exemplo, a colecção *Queenship and Power* da editora Palgrave Macmillan que conta com mais de 70 volumes publicados. A série inclui estudos especializados na análise de género, estudos sobre as mulheres, interpretação literária, bem como nas áreas da história cultural, política, constitucional e diplomática. O objectivo é alargar a compreensão das estratégias adoptadas pelas rainhas – consortes, reinantes ou regentes – para exercer poder político dentro de estruturas sociais patriarcais dominadas pelos homens. Esta série abrange obras que descrevem as rainhas/a realeza feminina na Grã-Bretanha e na Europa, além de incluir estudos sobre rainhas/realeza feminina noutras partes do mundo.

A sua contribuição foi diminuída, sendo retratada como uma figura marginal, obscurecida por personagens como Barbara Palmer, duquesa de Cleveland, amante do rei e mãe de vários dos seus filhos ilegítimos. O facto de D. Catarina ser estrangeira e católica, num ambiente maioritariamente protestante, e de não ter gerado um herdeiro legítimo, contribuiu para a sua exclusão ou depreciação nas narrativas históricas inglesas dominantes. Afirmações como a de T. B. Macaulay, historiador e político britânico do século XIX, eram muito comuns: “Charles had taken to wife Catharine Princess of Portugal. The marriage was generally disliked; and the murmurs became loud when it appeared that the King was not likely to have legitimate posterity.” (1848, vol. I, 187)

Actualmente, graças a novos dados e à publicação de obras como a biografia de Shorland, assim como aos avanços nos *queenship studies*, a trajetória de D. Catarina enquanto rainha consorte da Restauração e o seu papel na aliança diplomática crucial entre Portugal e Inglaterra estão a ser reavaliados. Ao contrário das representações anteriores, surge uma nova perspetiva: “Despite Catherine of Braganza’s crucial place in British history, and that of its Empire, she has since been overshadowed by stories of the king’s many mistresses and forgotten as Charles II’s boring, powerless wife. This could not be further from the truth.” (Editor, 2024) O recente interesse por figuras como D. Catarina insere-se numa tendência mais ampla de revisão histórica, que procura corrigir a marginalização das mulheres nas narrativas tradicionais. Os *queenship studies* têm sido essenciais neste movimento, permitindo uma nova interpretação das rainhas como agentes de poder e influência, tanto na esfera política como na cultural e social.

Embora em Portugal o debate sobre a história das mulheres e figuras femininas reinantes tenha começado a ganhar visibilidade sobretudo a partir dos anos 80,³ a historiografia e a divulgação

3. Para além de monografias e outros estudos académicos, no início do século XXI, entre 2011-2014, surgiu a colecção “Rainhas de Portugal” editada pelo Círculo de Leitores em 18 volumes, compreendendo 32 biografias reveladoras do poder das mulheres nas cortes reais.

científica nunca deixaram de atribuir um lugar de destaque a D. Catarina de Bragança. Em Portugal, a figura de D. Catarina foi historicamente mais valorizada, não só pelo seu estatuto de infanta portuguesa, mas também pelo seu papel na consolidação da independência do país face a Espanha. O seu casamento com Carlos II foi visto como uma aliança diplomática crucial que reforçou a posição de Portugal no contexto europeu, tanto para a história portuguesa como internacional, como tem sido evidenciado em estudos contemporâneos.

Este novo impulso nos estudos sobre rainhas consortes e outras figuras femininas ligadas à monarquia reflete uma revalorização do papel que estas desempenharam na história. A trajetória de D. Catarina, tanto na corte inglesa como no cenário diplomático europeu, é um exemplo claro desta transformação historiográfica. Estudos recentes, como os de Gregory, têm sido fundamentais para reposicionar D. Catarina de Bragança no centro das investigações sobre a monarquia da Restauração inglesa. Gregory argumenta que, apesar da percepção histórica negativa em torno de D. Catarina, especialmente devido à sua incapacidade de gerar um herdeiro, o seu desempenho enquanto rainha consorte foi mais bem-sucedido do que muitas vezes se admite, aspecto que a biografia de Shorland vem reforçar:

Queen Catherine of Braganza is generally forgotten in the history books of early modern British history. Usually consigned to fleeting references among contemporaries and historians, she has faded into the background due to her 'failure' as a queen consort to provide a legitimate heir for King Charles II. (2019, 129)

A recuperação da figura de D. Catarina de Bragança, anterior à biografia de Shorland, insere-se numa revisão mais ampla da historiografia britânica, que visa resgatar do esquecimento as mulheres que, de formas subtis, mas decisivas, deixaram a sua marca na política e cultura europeias do século XVII. A publicação de diversos

textos académicos em língua inglesa ao longo do século XXI,⁴ alguns dos quais foram também referenciados por Gregory, (2019, 142) têm contribuído significativamente para o aprofundamento da figura

-
4. Excluem-se, neste elenco, os romances históricos em língua inglesa publicados ao longo dos séculos XX e XXI em que a Rainha D. Catarina é a protagonista, (cf. Castel-Branco, 2016) assim como diversos artigos de divulgação, com o objectivo de não alongar excessivamente o texto e por ser um espaço em aberto. Em 2017, por exemplo, já foi publicado mais um romance histórico intitulado *Catherine of Braganza. Charles II's Restoration Queen*, de Sarah-Beth Watkins. A quantidade de artigos científicos a seguir apresentados, por ordem cronológica, demonstra o interesse pela Rainha consorte da Inglaterra da Restauração. Alguns estão no prelo e sairão no próximo mês de Novembro: Peter Leech, "Musicians in the Catholic Chapel of Catherine of Braganza, 1662–92". *Early Music*, 29, 2001:570-588; Sonya Wynne. "The Brightest Glories of the British Sphere': Women at the Court of Charles II". *Painted Ladies. Women at the Court of Charles II*. Ed. Catherine Macleod and Julia Marciari Alexander. London: National Portrait Gallery, 2001. 36-49; Edward Corp, "Catherine of Braganza and Cultural Politics." *Queenship in Britain, 1660–1837: Royal Patronage, Court Culture, and Dynastic Politics*. Ed. Clarissa Campbell Orr. Manchester: Manchester University Press, 2002; Lorraine Madway, "Rites of Deliverance and Disenchantment: The Marriage Celebrations for Charles II and Catherine of Braganza, 1661-62." *The Seventeenth Century* 27 no. 1, 2012: 79-103 <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0268117X.2012.10555682>; David Johnson, "The Life and Times of Catherine of Braganza". *British Historical Society of Portugal Annual Report*, 40, 2013: 15–34; Anna-Marie Linnell, "Greeting the Stuart Queens Consort: Cultural Exchange and the Nuptial Texts for Henrietta Maria of France and Catherine of Braganza, Queens of Britain." *Queens Consort, Cultural Transfer and European Politics, c. 1500–1800*. Ed. Helen Watanabe-O'Kelly and Adam Morton. London: Routledge, 2017. 153-171; Adam Morton, "Sanctity and Suspicion: Catholicism, Conspiracy and the Representation of Henrietta Maria of France and Catherine of Braganza, Queens of Britain." *Ibidem*, 2017. 172-201; Eilish Gregory, "Catherine of Braganza's relationship with her Catholic household." *Forgotten Queens in Medieval and Early Modern Europe: Political Agency, Myth-Making, and Patronage*. Ed. Valerie Schutte and Estelle Paranke. Abingdon: Routledge, 2019. 129-148; Maria Hayward, "The Best of Queens, the Most Obedient Wife': Fashioning a Place for Catherine of Braganza as Consort to Charles II." *Sartorial Politics Early Modern Europe*. Ed. Erin Griffey. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2019; E. Griffey, "Picturing Confessional Politics at the Stuart Court: Henrietta Maria and Catherine of Braganza". *Journal of Religious History*, 44, 2020: 465-493 <https://doi.org/10.1111/1467-9809.12694>; Linda Porter, "Wealthy Wife". *Mistresses: Sex and Scandal at the Court of Charles II*. Picador, 2020. 87-102; Linda Porter, "Full of sweetness and goodness." *Ibidem*, 2020.103-117; Chelsea Reutcke, "Royal Patronage of Illicit Print: Catherine of Braganza and Catholic Books in Late Seventeenth-Century London." *Print and Power in Early Modern Europe (1500–1800)*. Ed. Nina Lamal, Jamie Cumby and Helmer J. Helmers. Leiden: Brill, 2021. 239-256; S. V. Flor, "Representations of Catherine of Braganza in Portuguese National Collections: A Continuous Visual Construction?" *The Court Historian*, 27(3), 2022: 228-244 <https://doi.org/10.1080/14629712.2022.2137342>; S. Lyon-Whaley, "Queens at the Spa: Catherine of Braganza, Mary of Modena and the Politics of Display at Bath and Tunbridge Wells." *The Court Historian*, 27(1), 2022: 24-41 <https://doi.org/10.1080/14629712.2022.2047295>; Sophie Shorland, "Catherine of Braganza: The Politician." *Tudor and Stuart Consorts*. Ed. A. Norrie, C. Harris, J.L. Laynesmith, D.R. Messer, E. Woodacre. Palgrave Macmillan, 2022. 271-290 https://doi.org/10.1007/978-3-030-95197-9_16; Eilish Gregory, "Catherine of Braganza During the Popish Plot and Exclusion Crisis: Anti-Catholicism in the Houses of Commons and Lords, 1678-81." *Parliamentary History* 42, 2023. 195-212; Fleur Goldthorpe, "Dynastic Politics: Dowager Queen, Catherine of Braganza, and the Anglo-Portuguese Alliance, 1693-1705." *Later Stuart Queens, 1660-1735: Religion, Political Culture, and Patronage*. Ed. Eilish Gregory, Michael C. Questier. Palgrave Macmillan, 2023. 71-95; Eilish Gregory, "Catherine of Braganza, Queen Dowager of England, 1685-1692: Catholicism and Political Agency." *Ibidem*, 2023. 45-70; Maria Hayward, *The Material World of a Restoration Queen Consort. The Privy Purse Accounts of Catherine of Braganza*. Publications of the Lincoln Record Society no. 112, 2024 (November 2024); Eilish Gregory (in press), "Published by Her Majesties Command': Sermons Preached before Catherine of Braganza, Queen Dowager, 1685-88". *The English Historical Review*, 2024.

de D. Catarina de Bragança, trazendo novas perspectivas sobre o seu papel enquanto rainha consorte e agente diplomático, político, cultural e religioso.

A biografia de Shorland, *The Lost Queen: The Surprising Life of Catherine of Braganza, Britain's Forgotten Monarch*, publicada em Junho de 2024, resulta de uma profunda investigação em fontes historiográficas relevantes e actuais, impressas e manuscritas, como se pode verificar pela extensa bibliografia primária e secundária e pelas prolíficas notas que acompanham os capítulos. A autora, Sophie Shorland, é doutorada em English and Comparative Literary Studies pela Universidade de Warwick, onde foi Research Fellow. A sua pesquisa debruçou-se sobre a cultura, literatura e sociedade da Era Moderna (*Early Modern Period*), especialmente nos finais do período isabelino e do início do período jacobino, abordando, na sua dissertação, as celebridades e audiências no final da Inglaterra Renascentista. (2019) Em 2019 foi semi-finalista no prestigiado programa *BBC New Generation Thinkers*, uma colaboração entre a BBC e o Arts and Humanities Research Council (AHRC), que visa aproximar o trabalho de jovens académicos do grande público.⁵ Em 2020, a sua proposta *The Portingall Queen* foi seleccionada como uma das seis finalistas do Prémio Tony Lothian,⁶ atribuído pelo Biographers' Club de Londres para reconhecer propostas promissoras de novas biografias. Tendo em conta o contexto desta recensão, destaca-se, entre os seus estudos publicados, o capítulo "Catherine of Braganza: The Politician" incluído na obra *Tudor and Stuart Consorts* (2022), volume da já vasta colecção *Queenship and Power* (Palgrave Macmillan). A biografia *The Lost Queen*, baseada na proposta finalista no Prémio Tony Lothian, foi publicada pela editora Atlantic Books no Reino Unido e pela Pegasus nos Estados Unidos em 2024.

5. V. <https://www.ukri.org/what-we-do/developing-people-and-skills/ahrc/early-career-researchers-career-and-skills-development/develop-your-media-skills-with-the-new-generation-thinkers-scheme/>

6. O Prémio Tony Lothian é atribuído anualmente pelo Biographers' Club de Londres à melhor proposta de biografia de um autor estreante neste subgénero narrativo, com o objetivo de incentivar e promover novas vozes no campo da biografia literária.

A figura feminina mais importante na corte de Carlos II foi a Rainha, a Infanta portuguesa D. Catarina de Bragança (1638-1705), como estudos recentes têm afirmado. O casamento da Infanta com o monarca, em 1662, foi um acto de grande relevância política, resultado de meses de negociações diplomáticas internacionais e da consolidação de uma aliança entre Portugal e a Grã-Bretanha. (Wynne 2001, 136) A consorte, apesar de obscurecida pelas sucessivas amantes do soberano, teve um valor político ao trazer no dote o primeiro território inglês na Índia e o porto de Tânger; (Shorland 6) actuou com diplomacia através de cartas a governantes de outras nações, ao Papa, a figuras das cortes europeias, em particular Portugal e França; (4) efectuou e participou em visitas e empreendimentos diplomáticos, tendo a sua viagem e chegada a Inglaterra e a Londres sido também um acto diplomático – a Inglaterra entrou em guerra com a Espanha e a sua chegada correspondeu à união de duas nações oprimidas e restauradas; (5) protegeu quem lhe foi fiel, arranjando posições para amigos e apoiantes nas cortes de Inglaterra e de Portugal; foi a figura feminina que deu o nome a Queens, em Nova York, e há várias ruas de Londres com o seu nome; houve navios de guerra com o seu nome e nomes portugueses durante as guerras franco-holandesas; foi regente de Portugal no final da sua vida, solidificando novamente a aliança anglo-portuguesa que ainda hoje existe; a sua presença em Inglaterra deu origem a representações prolíficas e diversificadas na literatura inglesa, nem todas desinteressantes como refere a autora da biografia;⁷ não teve possibilidade de fazer grandes reformas sociais, mas sempre defendeu mais liberdade para as mulheres e no testamento deixou indicações para libertar escravos da sua casa real; (6) conquistou e assegurou a liberdade de culto para si e para os membros da sua casa, mesmo nos momentos de maior provação e perseguição ocasionados pela conspiração papista ou *Popish Plot*, uma terrível perseguição aos católicos em Inglaterra. Como refere Shorland, a corte de Carlos II é em geral associada a hedonismo, frivolidade, libertinismo, jogos de interesses, epítetos muitas vezes corporizados

7. Cf. Castel-Branco 2005, 2013, 2016 e 2019.

no próprio monarca, como o poeta John Wilmot, também ele um libertino, comentou na sua poesia. (1) Mas a Restauração foi também um período de grandes descobertas científicas e invenções; assistiu-se ao início do colonialismo; a peste e o Grande Fogo de Londres atingiram a cidade e o casal real sobreviveu a essas vicissitudes, da mesma forma que acompanhou os projectos de reconstrução da capital pelo arquitecto Christopher Wren; Charles II interessava-se pelas observações de Isaac Newton e observava o céu e o sistema solar. D. Catarina esteve presente em todos os grandes acontecimentos do reinado de Carlos II e, no entanto, ficou para a história de algumas décadas atrás, esquecida e na rectaguarda de outras figuras da corte. (2)

É com entusiasmo que acolhemos a publicação desta biografia que pretende devolver à Rainha Consorte o lugar central que lhe é devido na história da Restauração. Dirigindo-se a um público tanto nacional como internacional, a recente publicação de uma biografia em língua inglesa sobre D. Catarina de Bragança reveste-se de grande relevância por diversos motivos históricos, culturais e políticos, especialmente no âmbito do cruzamento entre os Estudos Anglo-Portugueses, os Estudos sobre Rainhas (*queenship studies*) e os Estudos da Restauração de Inglaterra. A autora vai além de um simples retrato da Rainha; oferece uma visão abrangente do contexto histórico, bem como uma representação vibrante da vida na corte durante a Restauração. A biografia em apreço é uma obra bem fundamentada e com importância para um público académico, revestindo-se simultaneamente de grande interesse como obra de divulgação para um público mais vasto, incluindo os interessados em monarquia e estudos sobre rainhas.

O título e o subtítulo sugerem essa dupla vocação e duas linhas de reflexão. Por um lado, *The Lost Queen* indica a relevância académica de resgatar do esquecimento a figura de D. Catarina de Bragança, oferecendo uma narrativa repleta de pesquisa histórica. A palavra *lost* sugere uma narrativa de redescoberta, insinuando que a Rainha terá sido injustamente apagada das narrativas históricas dominantes e sublinhando o carácter marginalizado ou esquecido da figura de D. Catarina de Bragança em grande parte da historiografia britânica até

ao século XX. Por outro lado, as expressões no subtítulo, *The Surprising Life e Britain's Forgotten Monarch*, reiteram de algum modo o título, dando ênfase ao caráter inesperado ou subestimado da sua vida, o que sugere uma tentativa de reavaliação do seu percurso.

Dividida em capítulos que reflectem as várias fases da vida de D. Catarina, a biografia segue uma estrutura que combina a cronologia com abordagens temáticas, permitindo que o leitor acompanhe de perto a trajetória da Rainha. Esta organização realça as diferentes facetas da sua personalidade e da sua experiência como Rainha Consorte. Os dez capítulos, com títulos acessíveis e apelativos, abrangem tanto incidentes políticos e diplomáticos quanto aspectos mais íntimos e sociais da vida na corte, apelando a um público diverso, sem excluir o leitor académico.

A narrativa de Shorland é sustentada por fontes primárias, como cartas, memórias e diários da época, o que confere substância à análise e atrai tanto o público especializado quanto o leitor comum. A autora segue uma metodologia cuidadosa ao apresentar as figuras históricas que cercaram D. Catarina, descrevendo-as a partir de relatos e pinturas da época, o que permite uma visão detalhada das interações e da cultura do quotidiano na corte. Por exemplo, ao abordar o primeiro encontro de Catarina com Carlos II, Shorland utiliza documentos contemporâneos para descrever as impressões físicas e comportamentais do Rei, sem cair na especulação: "We do not have a record of Catherine's immediate reaction to Charles. She was a short woman, and at just over six feet in height, he must have loomed over her." (80)

Os títulos dos capítulos, como "Assassination, Education and an Accidental War" "Fashion and Frivolity" e "Marriage and the Mistress", são formulados com um intuito-apelativo, facilitando a leitura sem comprometer a profundidade histórica. Abordam, de forma leve, temas complexos, tornando a obra atractiva para leitores que se interessam pelas dimensões humanas e sociais da vida de D. Catarina, sem o rigor técnico que caracteriza obras mais eruditas.

No primeiro capítulo, "Assassination, Education and an Accidental War", Shorland aborda tópicos relacionados com política e conflito:

a crise de sucessão, o golpe da nobreza portuguesa para restaurar a independência de Portugal, o assassinato de Miguel de Vasconcelos, a aclamação de D. João IV como rei de Portugal. Estabelece um contexto de tensão política que permeia a narrativa e que retoma quando aborda conspirações e alianças. Em “A Play for the Throne”, segundo capítulo, destaca dinâmicas de poder, as lutas da Restauração em Portugal, o prestígio da casa de Bragança e as vicissitudes para manter o trono, como refere a autora:

Another occasion for celebration and pageantry was the king's birthday, when his courtiers lined up to kiss his hands in a ceremony called the *beijamão*. It was a formal statement of the relationship between king and courtier, confirming João as the source of power and patronage. (...) For an infanta of Portugal, the court was a predictable space, with nothing to shock or challenge her beyond the normal trials of growing up. (...) However, even sheltered in the luxurious Ribeira Palace, the life of any member of the ruling family always held the potential for danger, and the future of the Braganza dynasty was far from assured. There was a reason João had wanted to remain in countryside retirement making music. (31-32)

Trata-se de um tópico recorrente ao longo da biografia, pois era também uma das principais preocupações de Carlos II, depois do regresso do exílio e aclamado e coroado como Rei da Inglaterra, Escócia e Irlanda.

A biografia não se limita aos aspetos políticos. Nos capítulos “Marriage and the Mistress” e “Divorce”, Shorland explora as complexidades das relações na corte, particularmente as tensões resultantes das infidelidades do Rei e a presença das suas amantes e, mais perto ainda, nos seus aposentos, revelando as complexidades das relações na corte e pessoais. Esta análise contrasta com o ambiente discreto em que D. Catarina cresceu, destacando as diferenças culturais entre Portugal e a Inglaterra da Restauração. Foi um verdadeiro choque para D. Catarina se se pensar, como referiu a autora, que vinha de uma corte mais discreta e com hábitos diferentes: “Her father's affairs were discreet, with no mistresses flaunting their power at court. He only

had one illegitimate child that we know of, and she was educated far from her half-siblings; they might not even have known about her. Their mother certainly did not believe in noticing such things.” (32)

Nos capítulos intitulados “Fashion and Frivolity” e “Plague, Fire and New York City” (quinto e sexto), Shorland destaca aspectos culturais e o impacto de acontecimentos históricos na sociedade e, em particular, na corte. Os capítulos nono e décimo, “The Queen Dowager” e “Return and Regency”, abordam questões de identidade e regência; exploram a transição de D. Catarina de rainha consorte a rainha viúva e, finalmente, regente, refletindo sobre o seu papel político e dupla aculturação após a morte de Carlos II. O capítulo oitavo “Plots True and False” explora criticamente as intrigas e falsidades que assombraram D. Catarina, nomeadamente as pressões para um eventual divórcio e as falsas acusações de conspiração contra o Rei. Embora D. Catarina não tenha conseguido gerar um herdeiro legítimo, o que lhe trouxe grande sofrimento, Shorland destaca a lealdade mútua entre ela e Carlos II, desafiando a imagem tradicional de uma rainha marginalizada. Pode aqui recordar-se uma importante declaração de Carlos II em defesa da Rainha, não mencionada nesta biografia, a propósito de rumores sobre a legitimidade do seu casamento e a possibilidade de um casamento seu anterior: “I do here declare in the presence of Almighty God, that I never was married nor gave any contract to any woman whatsoever but to my wife, Queen Catherine, to whom I am now married.”⁸

Além da narrativa, a obra inclui paratextos como ilustrações, prólogo e epílogo, notas de fim de capítulo, bibliografia, agradecimentos, que contribuem tanto para o enriquecimento do leitor especializado quanto para a acessibilidade do público geral. As ilustrações, cuidadosamente seleccionadas em dois conjuntos, ajudam a contextualizar visualmente o período, complementam a análise crítica da autora e oferecem uma imersão na cultura material da época, retratando a realidade portuguesa e inglesa do período de vida de D. Catarina de Bragança. Como paratextos visuais servem o propósito duplo e eficaz

8. “Declaration to all loving subjects, Whitehall, June 2, 1680.” (Bryant 311)

de terem interesse estético e informativo e, também, de captar a atenção do leitor acadêmico e do leitor não especializado. A lista inicial de personagens-chave destina-se claramente a um público não especializado. Um leitor familiarizado com a aliança anglo-portuguesa, a época da Restauração, a monarquia e os enredos da corte de Carlos II, assim como os principais acontecimentos da época, conheceria as personalidades aí elencadas e não sentiria necessidade desse apoio de leitura.

De forma breve, a definição inicial proposta por Hermione Lee, sem considerar exceções, é clara e abrangente: “Biography is the story of a person told by someone else”, (2009, 5) ou seja, a história narrada tem que ser verdadeira, mas, simultaneamente, as possibilidades de representação do eu são inúmeras e diversas. Mesmo existindo uma preocupação pela verdade, como refere Lee, (122) qualquer narrativa biográfica é uma construção artificial, dado que envolve, necessariamente, uma escolha e uma organização dos acontecimentos, um conhecimento vasto e profundo de fontes historiográficas. Além disso, a forma de contar a vida de uma figura histórica envolve, de algum modo, uma dimensão oral que vem de relatos de testemunhas, memórias, cartas e episódios que foram sendo repetidos ao longo da história.

Quando D. Catarina de Bragança chegou a Inglaterra e assumiu o papel de consorte, levou consigo grandes riquezas, especiarias e açúcar, mas também a influência do império português, então no auge do seu poder na Índia e no Sudeste Asiático. A sua vida foi uma encruzilhada a diversos níveis: contribuiu para a consolidação da mais longa aliança entre Portugal e a Grã-Bretanha; usufruiu de liberdade religiosa numa época em que se desconhecia o significado de “tolerância religiosa”, promovendo, na sua capela, um espaço de culto, de música e arte para os católicos; contratou e protegeu determinados músicos e pintores, diferentes dos que eram levados para a corte por amantes do Rei; também introduziu com o tempo novos hábitos e tradições, como o consumo de chá enquanto hábito social, a utilização de porcelanas e mobílias inerentes a tal hábito, novas formas de vestir (calças ou saias ligeiramente mais curtas, mostrando o tornozelo), retomou o *masque* na corte, e novas diversões.

Sophie Shorland, em *The Lost Queen*, propõe como objetivo central apresentar D. Catarina de Bragança não como uma santa, nem como uma pecadora, mas como uma mulher do seu tempo, inserida numa época de profundas transformações científicas, globais e sociais, que exerceu um impacto significativo no mundo à sua volta. (6) Esta visão é evidente na sua abordagem crítica à historiografia tradicional inglesa, que perpetuou uma imagem negativa de D. Catarina. Shorland rejeita essa representação depreciativa, mas, simultaneamente, distancia-se da perspectiva quase hagiográfica oferecida por uma das principais biografias do início do século XX, a obra de Lillias Campbell Davidson, *Catherine of Bragança, Infanta of Portugal & Queen-Consort of England* (1908).

A narrativa de Davidson reflecte valores morais típicos da época, expressos num tom ainda vitoriano e fortemente moralizante, enaltecendo as virtudes da rainha ao ponto de a comparar com a figura bíblica de Lot, vivendo numa corte que a autora descreve como corrupta e decadente, semelhante à Roma imperial:

Catherine lived in her husband's court as Lot lived in Sodom. She did justly, and loved mercy, and walked humbly with her God in the midst of a seething corruption and iniquity only equalled, perhaps, in the history of Imperial Rome. She loved righteousness and her fellows, and, above all, the one man who won her heart on the day of her marriage, and kept it till the grave shut over her. She was one of the purest women who ever shared the throne of England. (3)

Esta interpretação, segundo Shorland, embora simpática, não contribuiu para uma compreensão mais equilibrada e realista da Rainha, permanecendo presa a um discurso apologético que retratava D. Catarina quase como uma mártir. Apesar destas limitações, a obra de Davidson foi um marco importante nos estudos sobre D. Catarina de Bragança pela novidade da investigação apresentada e por ser a primeira biografia num volume exclusivamente dedicado à Rainha de Carlos II, destacando-se de biografias que, até então, a apresentavam apenas em conjunto com outras figuras históricas. Outros autores

como Agnes Strickland, Thomas Carte ou Mrs A. Jameson exploraram a vida da consorte em obras sobre as rainhas de Inglaterra ou sobre as belezas da corte de Carlos II.

A biografia de Davidson é geralmente considerada uma contribuição valiosa para a compreensão da história da monarquia britânica, sendo elogiada pela profundidade da investigação e pelo enquadramento da vida de D. Catarina no contexto político e cultural do seu tempo. Críticos apontam, porém, que Davidson poderia ter explorado de forma mais abrangente certos aspectos da personalidade de D. Catarina, nomeadamente as suas interações pessoais. Ainda assim, a obra permanece essencial para estudiosos da história das rainhas e da relação luso-britânica. Shorland reconhece a importância da biografia de Davidson, mas sublinha que na sua opção biográfica se distancia do tom apologético, ao procurar apresentar uma D. Catarina mais complexa e multifacetada, que reflecte os desafios e tensões de uma mulher inserida num contexto de mudança e conflito, tanto em Portugal como em Inglaterra. Assim, *The Lost Queen* propõe-se a oferecer uma interpretação equilibrada e historicamente informada da vida e legado de D. Catarina de Bragança.

Janet Mackay, ao publicar *Catherine of Braganza* em 1937, apresentou uma obra igualmente detalhada e rigorosa, apoiada numa pesquisa meticulosa, que trouxe novas perspectivas sobre a vida e o papel de D. Catarina na corte inglesa. Mackay destaca-se por salientar a dimensão pessoal e emocional da Rainha, explorando as suas experiências enquanto mulher numa corte marcada por intrigas e desafios. A sua abordagem oferece uma visão mais íntima e psicológica da consorte, proporcionando uma narrativa talvez mais envolvente e acessível do que a biografia anterior de Davidson. A obra de Shorland, num estilo vivo e cativante, consegue demonstrar um aspecto fundamental para a vida de D. Catarina de Bragança. Na dupla aculturação que passou na sua vida, actuou sempre com naturalidade, honestidade e lealdade. Foi vista como uma pessoa singular, mas também muito normal. Esta singularidade da normalidade, talvez considerado um problema na corte do século XVII, com os seus excessos e excentricidades, mas tão compreendida actualmente, é uma característica

fundamental da Rainha de Inglaterra como pude também constatar em artigo de minha autoria. (2007)

D. Catarina destacou-se também pela sua actuação diplomática e pelas suas visitas a cidades como Bath, Tunbridge Wells e Oxford, ao longo dos trinta anos que viveu em Inglaterra, dos quais vinte e três como Rainha Consorte. Tendo em conta o seu impacto cultural e político, é evidente que D. Catarina merece um reconhecimento muito maior do que aquele que tem recebido, e a biografia de Sophie Shorland desempenha um papel crucial na correcção ou reequilíbrio do apagamento da sua figura na historiografia inglesa dos últimos séculos.

No entanto, apesar do contributo significativo para recentrar D. Catarina de Bragança na História, a obra desta biógrafa apresenta algumas falhas factuais que comprometem o seu rigor, inconsistências que numa eventual segunda edição poderão ser corrigidas de modo a manter o nível que a obra pretende e merece atingir. Entre estas, destaca-se a incorrecção da data de nascimento da Infanta. Apesar de, em outras passagens, referir que D. Catarina tinha dois anos em 1640, ano da Restauração de Portugal – o que coincide com a data correcta de 1638 –, a autora afirma explicitamente que D. Catarina nasceu em 1640. Adicionalmente, a data do casamento de D. João IV é também imprecisa: o matrimónio por procuração é mencionado como tendo ocorrido no Outono de 1633, mas a cerimónia religiosa posterior, em Elvas, é referida como tendo decorrido em 13 de Janeiro de 1632, quando, na realidade, aconteceu em 12 de Janeiro de 1633. Outro erro a lamentar é a designação de *Sir* Richard Bellings como “confessor” de D. Catarina, quando, na verdade, Bellings era o seu secretário e casado com uma filha da influente família católica dos Arundells. Além disso, há uma confusão quanto à data de publicação da biografia de Lillias C. Davidson, que é indicada como 1928, embora tenha sido publicada em 1908. Os problemas estendem-se também à forma de referenciar algumas fontes na bibliografia e nas notas de fim de capítulo, onde os apelidos dos autores nem sempre são indicados correctamente, em particular no caso de autores portugueses, mas também em exemplos ingleses. Embora Shorland não

seja historiadora de formação, as imprecisões nas datas e referências, especialmente se a obra se destina também a um público especializado, exigiriam maior atenção aos pormenores para assegurar a precisão e o rigor históricos necessários.

As falhas apontadas não obscurecem a qualidade geral da obra. Pelo contrário, o livro destaca-se como uma contribuição valiosa para os *queenship studies* e para a compreensão do papel de Catarina de Bragança na história luso-britânica. O detalhe historiográfico, aliado a uma linguagem acessível e cativante, faz desta biografia uma leitura essencial para quem deseja compreender a vida e o contexto de uma Rainha tantas vezes esquecida, mas cujo impacto merece ser reavaliado e reconhecido.

The Lost Queen cumpre com sucesso o objetivo de recuperar D. Catarina do esquecimento, apresentando-a não como uma figura passiva, mas como uma mulher corajosa e decidida, capaz de construir e proteger o seu próprio círculo de influência numa corte dominada pelas amantes do marido. Com uma abordagem simpática e perspicaz, Shorland ilumina facetas inesperadas da personalidade da rainha consorte, destacando o seu mecenato cultural, a sua diplomacia e a sua defesa intransigente do catolicismo. O retrato de D. Catarina aqui apresentado é muito mais abrangente e dinâmico do que em biografias anteriores, permitindo uma visão renovada e mais justa da sua vida e do seu legado. Além disso, Shorland consegue fazer justiça ao contexto histórico, mostrando como a vida da Rainha esteve entrelaçada com os grandes acontecimentos do seu tempo, desde as intrigas políticas da corte até ao impacto das aspirações coloniais britânicas. A obra não se limita a contar a história pessoal da Rainha, mas também oferece um retrato detalhado da época e da corte inglesa da Restauração.

Em suma, a biografia de Sophie Shorland não só preenche uma lacuna na historiografia sobre D. Catarina de Bragança, como também se afirma como uma obra que conjuga erudição e acessibilidade, oferecendo ao leitor um retrato complexo e humano de uma figura histórica injustamente esquecida e subestimada.

Referências bibliográficas

- Atlantic Books. "The Lost Queen finds home at Atlantic". 22nd April 2024. <https://atlantic-books.co.uk/2024/04/22/the-lost-queen-finds-home-at-atlantic/>
- Bryant, Arthur (ed.) *The Letters, Speeches and Declarations of King Charles II*. London: Cassell & Company Ltd., 1968.
- Carte, Thomas. "The King's Marriage with the Infanta of Portugal." *The Life of James Duke of Ormond; containing an account of the most remarkable affairs of his time, and particularly of Ireland under his government: with an Appendix and A Collection of Letters, serving to verify the most material facts in the said history*. A new edition, vol. IV. Oxford University Press, 1851. 100-114.
- Castel-Branco, Maria da Conceição Emiliano. "As Comemorações, a Poesia e as Artes do Espectáculo por Ocasão do 350º Aniversário da Entrada em Londres da Rainha D. Catarina de Bragança pelo Rio Tamisa". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, nº 22. Coord. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: CETAPS, 2013:71-103. ISSN:0871-682X <http://run.unl.pt/bits-tream/10362/14709/1/REAP22.pdf>
- . "D. Catarina de Bragança, Filha de Portugal: Singularidade da Normalidade." *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, nº 17. Lisboa: Edições Colibri/ Universidade Nova de Lisboa:153-64.
- . *A Melhor Jóia da Coroa: Representações de D. Catarina de Bragança na Literatura Inglesa*. 2 vols. Dissertação de Doutoramento em Estudos Anglo-portugueses. Lisboa: FCSH-UNL, 2005.
- . "Poesia Inglesa sobre D. Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses/Journal of Anglo-Portuguese Studies*, nº 28. Dir. Gabriela Gândara Terenas. Lisboa: CETAPS, 2019: 27-36. ISSN:0871-682X. DOI. 10.34134/reap.1991.208.27
- . "(Re)Descobrir D. Catarina de Bragança: Variações de um Caso Anglo-Português em Romances Históricos do Século XX em Língua Inglesa.". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses/ Journal of Anglo-Portuguese Studies*, nº 25. Dir. Gabriela Gândara Terenas. Lisboa: CETAPS, FCSH UNL, FCT, 2016: 339-364. ISSN: 0871-682X.
- Davidson, Lillias Campbell. *Catherine of Bragança, Infanta of Portugal, & Queen-Consort of England*. London: John Murray, 1908.

- Gregory, Eilish. "Catherine of Braganza: the Lost Stuart Queen". *Art UK*. 25 Nov 2019. <https://artuk.org/discover/stories/catherine-of-braganza-the-lost-stuart-queen>
- . "Catherine of Braganza's Relationship with her Catholic Household." *Forgotten Queens in Medieval and Early Modern Europe: Political Agency, Myth-Making, and Patronage*. Ed. Valerie Schutte and Estelle Paraque. Abingdon: Routledge, 2019. 129-148.
- Jameson, Mrs. A. "Catherine of Braganza, Queen of Charles II". *Court Beauties of the Reign of Charles II, from the Originals in the Royal Gallery at Windsor*. Engraved in the highest style of art by Thomson, Wright, Scriven, B. Holl, Wagstaff, and T. A. Deane. With Memoirs by Mrs. A. Jameson. Ed Sir Peter Lely *et al.* London, 1872. 13-26.
- Lee, Hermione. *Biography: A Very Short Introduction*. Very Short Introductions. Oxford, 2009.
- Macaulay, Thomas Babington. *The History of England from the Accession of James the Second*. Leipzig, Bernh: Tauchnitz, 1848, vol. I.
- Mackay, Janet. *Catherine of Braganza*. London: John Long Limited, 1937.
- Shorland, Sophie. 'Blazing Stars': *Early Modern Celebrity Culture, 1580-1626*. PhD thesis. University of Warwick, 2019. <https://wrap.warwick.ac.uk/id/eprint/159209/>
- . "Catherine of Braganza: The Politician." *Tudor and Stuart Consorts. Queenship and Power*. Ed. A. Norrie, C. Harris, J.L. Laynesmith, D.R. Messer, E. Woodacre. Palgrave Macmillan, 2022. 271-290. https://doi.org/10.1007/978-3-030-95197-9_16
- Strickland, Agnes. "Catharine of Braganza, Queen-Consort of Charles the Second, King of Great Britain." *Lives of the Queens of England from the Norman Conquest*. London: G. Bell, 1880-83, vol. IV. 351-510 (1st ed. 1841).
- The Biographers' Club. "The Shortlist for the 2020 Tony Lothian Prize has been Announced". 2020. <https://thebiographersclub.com/the-shortlist-for-the-2020-tony-lothian-prize-has-been-announced/>
- Wynne, Sonya. "'The Brightest Glories of the British Sphere': Women at the Court of Charles II". *Painted Ladies. Women at the Court of Charles II*. Ed. Catherine and Alexander Macleod, Julia Marciari. London: National Portrait Gallery, 2001.36-49.

